

ANEXO I

Versão Sequencial Integral (suiböM)

Publicado originalmente na obra *Lâmina*.

Salgado, Bruno de Pádua Santos. *Lâmina*. Edição digital, 2026.

Disponível em plataformas digitais internacionais.

suiböM

A manhã nasceu com uma delicadeza rara, dessas que parecem querer reconstruir o mundo desde a primeira fresta de luz. O céu, ainda úmido de azul, deixava-se ocupar por tons rosados que deslizavam lentamente pelas nuvens finas; e os pássaros, despertos antes de todos, costuravam o silêncio com cantos suaves, inaugurando o dia como quem anuncia um recomeço. Pelas cortinas entreabertas, a claridade se insinuou no quarto com a cautela de quem não deseja interromper nada sagrado — apenas o desfrutar. Ele despertou primeiro, contemplando o rosto adormecido dela sob o brilho tênue da aurora, e inclinou-se com a doçura de quem finalmente compreendeu o valor de permanecer. O beijo que pousou em sua testa foi leve, quase um sopro, mas suficiente para que seus olhos se abrissem devagar. Ela o encontrou ali, tão perto, com aquele mesmo olhar que conhecera no primeiro encontro — um olhar inteiro, apaixonado, desarmado, que reconhece e se entrega ao mesmo tempo. Ficaram assim por um momento que o relógio não ousaria medir, abraçados como se o mundo inteiro pudesse caber naquele intervalo de respiração partilhada. O calor dos corpos se aproximou com a naturalidade das coisas que nunca deixaram de pertencer uma à outra; e, envoltos pela quietude da manhã, entregaram-se ao amor sem pressa, como quem sela, em silêncio, uma promessa vigorosa que enfim encontra morada. Depois, ergueram-se juntos, num acordo tácito de continuidade, deixando que o amanhecer completasse o que seus gestos iniciaram — e foram, lado a lado, ao encontro de mais um dia, como se a vida tivesse sido recém-inaugurada para os dois. (1)

- Levanta desta cama meu amor. (2)
- Adoro como você me chama assim. (3)
- Estou vendo que bailei direitinho entre os seus quadris. (4)
- Claro querida. “Respondeu prontamente, o que a fez sorrir” (5)
- Vê se não esquece. (6)
- O que!? (7)
- Não acredito que estás me perguntando isso, está passando até na TV. (8)

- O baile dos formandos em medicina de hoje à noite. (9)

Perguntou-a com suavidade, quase como quem teme estragar a doçura rara daquela manhã, se não tomariam o café juntos — gesto pequeno, mas habitual, desses que criam a intimidade do dia. A resposta veio rápida, envolta em pressa e atraso, dizendo que não, não hoje, haviam dormido demais. O som dessa negativa deixou nele um desalinho miúdo, quase infantil, que tentou esconder com um sorriso discreto. Ainda assim, acompanhou com o olhar o movimento dela — apressado, mas afetuoso — e por breves segundos desejou segurar o tempo pela borda, só para prolongar aquele instante simples que, de repente, pareceria importante demais para ser perdido. (10)

- Vamos, me ajude a fechar este vestido. (11)

- Sim senhora, madame, com muito prazer, meu amor. (12)

- Detesto estes seus sarcasmos. (13)

Algun tempo depois, no âmago de outro ambiente... (14)

- Bom dia. (15)

Bom dia, minha filha amada. “Não saiu sequer uma única palavra; apenas permaneceu nas entranhas — imobilizadas do pensamento —” (16)

- Que educação, hein? (17)

- O que foi?! (18)

- Te desejei bom dia. (19)

- Bom dia filha amada, estou exausto da noite anterior, me desculpe. (20)

- Minha mãe, onde está? (21)

- Pelo jeito voltou a dormir, falando nisso você dormiu cedo ontem, que milagre foi esse? (22)

- Acho que foi o tédio! (23)

- Estou preocupado, sua mãe está demorando, será... (24)

- Olha ela aí! (25)

- Insisto querida, junte-se a nós, vamos tomar café juntos. (26)

- Não posso, tomarei café no hospital. (27)

- É melhor se alimentar antes de ir. (28)

- Já estou de saída. (29)

- Vai, pode ir. (30)

- Um beijo, não demoro a chegar. (31)

- Certo, combinado então. (32)

- O que está a se passar com ela?! (33)

- Por acaso ainda está a se acostumar? Já deveria estar! (34)

- É mesmo, querida, você está certa. (35)

Instantes depois uma vibração rompeu o breve intervalo de silêncio, obstinado como quem exige resposta. O celular acendeu sobre a superfície, revelando apenas a palavra “Trabalho” no visor — um aviso inesperado, deslocado do costume. Houve um instante de hesitação, daqueles em que a própria respiração parece pesar mais do que deveria, e a mão que se aproximou do aparelho tremulou numa dúvida quase imperceptível. A vibração persistiu, pulsando como um lembrete de algo que não podia ser ignorado. Por fim, o dedo deslizou para atender. (36)

Do lado de fora, quem o escutasse perceberia apenas um monólogo — palavras lançadas ao vento como resposta a uma voz que não chegava aos ouvidos de ninguém. (37)

- Alô. “Três simples letras que saíram sonolentas das cordas vocais.” (38)

- Você é... (39)

- Por quê? (40)

- Acho que estou mais sóbrio que nunca! (41)

- Acabei de receber as coordenadas. (42)

- Compreendo muito bem, fico sempre a disposição da senhora, pode me ligar a qualquer hora, te atenderei com muito prazer. (43)

- Pois não. (44)

- Absolutamente, estou em plena consciência. (45)

Desligou a ligação, e um aperto súbito atravessou-lhe o peito — breve, mas agudo, como se algo tivesse sido deslocado em seu interior. Não esperava aquela chamada, muito menos num domingo, e a estranheza do horário abriu um pequeno tumulto silencioso em seus pensamentos. Permaneceu imóvel por alguns segundos, o aparelho ainda quente na palma da mão, tentando ordenar o que sentia, mas nada se alinhava de imediato: apenas um desconforto difuso, uma inquietação que parecia vir de um lugar mais fundo do que a própria razão o alcançava. (46)

- Estranho, em pleno domingo? “Pensou alto” (47)

- Estou de saída minha filha, se comporte, volto logo, não saia. (48)

Pegou rapidamente a chave do carro e saiu sem dizer mais nada. (49)

No fragmento paralelo daquele mesmo momento... (50)

Em um gesto lento, ainda marcado pelo peso da madrugada, uma mão alcançou o aparelho ao lado da cama. O rosto guardava aquele amassado morno — marca suave de uma noite consumida em pele e fôlego, os olhos semicerrados carregavam uma densidade suave deixada pelos restos da paixão que ocupou a noite inteira. Desligou o despertador e inclinou a cabeça apenas o suficiente para enxergar as horas — e, no breve silêncio que se seguiu, pareceu

lamentar o simples fato de o dia ter começado. Um novo ciclo, murmurou para si, sem voz. O letreiro do motel, que horas antes pulsava doce e cúmplice como promessa proibida, agora jazia apagado, neutralizado pela luz crua do amanhecer. Cada raio de sol que atravessava a brecha da cortina não iluminava: denunciava. Onde houvera gozo, restava amargor; onde a noite parecia esconder, o dia expunha sem misericórdia. (51)

- A noite passada foi maravilhosa, te prometo uma melhor, só que não hoje. (52)

- Uma única vez e já estaria a me amar? (53)

- Melhor se apressar, senão vai se atrasar. (54)

- Sabe... reparando bem, já estou — alguns minutos a mais ou a menos não importam, depois destas doces lembranças. Sou mestre em inventar desculpas. “Falou a se gabar” (55)

- Com todo o respeito minha doce querida, se nos verem saindo deste recinto, o que vão pensar.” Deu um leve suspiro, como quem deixa o pensamento escapulir.” (56)

- Sempre soubemos do risco da nossa situação. (57)

- Acha que quero que nos identifique? (58)

- Ela sabe! (59)

- Quem sabe do que? (60)

- Minha mulher, e te digo, se ela ligar para você e não for convincente o bastante, para provar minha inocência, quem ficará sabendo é o seu cônjuge. (61)

- Cretinice repugnante! (62)

- Não estou com intenção de discutir, simplesmente te comunico que a partir de agora, procure quem quiser, menos eu. (63)

- Como assim, para se deitar comigo!?! (64)

- Não quero ser conivente com isso. (65)

- Conivente! Você foi o impuro ato, não vejo conivência e sim pura covardia... (66)

- Está vendo que nunca sou compreendida por você! (67)

- Não temos mais o que conversar. (68)

- Você não tem jeito mesmo, como sempre irônica e grossa, não sei o que mais fazer. (69)

- Ha! Depois de se deleitar por cada brecha no corpo, de outra que não a sua, é fácil. Fala, hipócrita! (70)

- Você está causando uma tempestade num copo d'água. (71)

- Falaste como todos os culpados que alegam inocência. Covardia! Canalhice! (72)

Em um breve momento houve uma interrupção, por batidas na porta. (73)

- Bom dia, Senhora? (74)

- Vou sair, deixarei vocês à vontade. (75)

- Não precisa, pode ficar. (76)

- Acho melhor não, licença. (77)

- Seu motorista te aguardará no conforto do ar-condicionado do seu carro de luxo, não demore. “ironizou” (78)

- Que bom, tenho um motorista particular à minha disposição! “Exclamou, retribuindo no mesmo tom de deboche” (79)

- Tehau, ingratidão, depois a ironia é só minha! (80)

Fechou a cara e bateu à porta com força. (81)

O que ela acabara de ouvir desfez-lhe o passo — quase tropeçou, como se esbarrasse de uma só vez nas pernas e nos pensamentos. (82)

Partiu em passos apressados; porém, no instante em que alcançou o início da escada, algo apagou o mundo ao redor — o som recolheu-se como se tivesse sido tragado, a luz perdeu corpo — e o corpo cedeu. Despencou, degrau após degrau, como quem é arrancado do próprio eixo, rolando até o fundo em silêncio brutal. (83)

- Senhora, consegue me escutar? (84)

- O que houve? (85)

- A senhora rolou escada abaixo. (86)

- Não me recordo. (87)

- É normal depois de um desmaio. (88)

- Como se sente? (89)

- Normal, não se preocupe, estou bem. Quanto tempo fiquei desacordada? (90)

- Ficou desacordada por algumas horas. (91)

Fez uma cara desconsolada em meio à conversa e disse: (92)

- Estou atrasada! “Falou com um tom lamentável, quase palpável, como se tivesse passado a noite em vigília. (93)

- A senhora não está em condições, recomendo que... (94)

- Tenho que ir! (95)

- Tem certeza de que não está sentindo nada? (96)

- Estou abalada, não dormi direito, só isso! “Cortou, levantando-se” (97)

No espaço onde veículos repousam antes de novos caminhos: (98)

- A senhora está bem? “Insistiu com um tom de preocupação” (99)

- Sim, estou bem. (100)

- Perdão pela interrupção sem aviso. (101)

- Só está fazendo o seu trabalho, eu compreendo. (102)

- Por isso agradeço e fico feliz. (103)

- Obrigada, retribuo a gentileza, não pretendo te meter em fofocas, nem a mim, por isso que és exclusivamente meu, é o melhor dos motoristas. (104)

- Tranquilo. “Falou como a se engasgar” (105)

Entraram no carro e saíram do estacionamento com uma certa urgência, motores e faróis deslizando como se o mundo estivesse um pouco fora do foco; ele, ao volante, deixava escapar um sorriso desconcertante, desses que parecem vir de algum lugar onde a memória tropeça, quando — num lapso estranho, quase vertigem — ficou alguns segundos imóvel, como se tivesse vivido aquilo antes, um déjà-vu que não pediu permissão. Recuperou o fôlego, e voltou ao tom arrastado — quase inerte pelo torpor que a excitação lhe deixara na voz — dizendo que aquela cidade sempre o lembrava a sua própria, escorregando em palavras desconexas com aquele momento: “és mais amada do que a minha própria mulher”. Ela virou o rosto apenas o suficiente para acompanhá-lo com os olhos, desconcertada pela falta de sentido, murmurando que era melhor ele prestar atenção na estrada; ele respondeu — ainda no mesmo deslizamento lento das palavras — que aquilo devia ter sido apenas o lapso, “coisas que aparecem sem pedir licença”, continuou, enquanto o carro seguia adiante, suspenso entre estradas, pensamentos e tudo o que ainda não havia sido dito. (106)

- Chegamos “disse com um tom melancólico de uma certa inquietação” (107)

- Safado, que história é essa de mais amada que a própria mulher? “disse com um tom irônico e desconfortante” (108)

Como em fuga da resposta, abriu a sua porta velozmente e como cavalheiro se dirigiu a porta da passageira abrindo-a para ela. (109)

- Foi só uma reação involuntária de um forte impacto emocional. (110)

- Impacto emocional, foi o que tive, parecia que o mundo ia desabar em instantes! (111)

- Por isso, peço desculpas. (112)

- Faz bem, parece que está no mundo da lua, sem prestar atenção. (113)

- Mas ainda tenho algo a te... (114)

- Quer que eu chegue atrasada! O que tem de tão importante para me dizer?! “Cortou-o” (115)

- Agora mesmo estou pedindo minha demissão! “Falou em tom elevado” (116)

- Olha como fala comigo, não sou sua filha! Sou sua chefe! (117)

- Perdeu o juízo, o que te passa... (118)

- Não perdi não! “Cortou-a bruscamente” (119)

- O que quero dizer é... como vou explicar que estava trabalhando no domingo? (120)

- Vamos tome seu pagamento, assim você prova a sua mulher que estava a trabalhar, antes que ela te mate - exclamou com ironia – papai! (121)

- Eu mereço. “Falou com certo desprezo de si” (122)

- Não tenho mais o que conversar com a Senhora, passar bem. (123)

- Conseguiu! Considere o dinheiro que te dei o seu último salário. Está demitido! Escroto! (124)

- Ótimo! Santa! (125)

Olhou o display do relógio e teve um choque de realidade, o tempo não o esperava — passara impetuoso, ininterrupto — não dependiam da pilha para rodar, nem se quer escravos de seus desejos. Saiu em disparada para a sua residência. (126)

- Cheguei! “Exclamou com urgência” (127)

- A mamãe desde cedo ainda está no hospital. (128)

- Vixe! Vou ligar para ela agora mesmo. (129)

Pegou o telefone com a respiração ainda quente da conversa anterior e fez a ligação, tentando ajeitar o tom para que soasse desperto, comum. Quando atendido, o som do hospital veio junto — passos apressados, vozes ao fundo, e fragmentos soltos que atravessavam a chamada: (130)

- Batimentos cardíacos... (131)

- Traga o desfibrilador... (132)

Celular a tocar. (133)

- Limpem a via aérea... (134)

Vozes agitadas... (135)

- Levem-no à sala de cirurgia... (136)

Ela afastou um pouco o aparelho para dar uma instrução rápida e voltou ao telefone com o fôlego entrecortado, explicando que era apenas a rotina do hospital e que os formandos estavam ajudando nos preparativos da festa. Perguntou se ele estava descansado para acompanhá-la a noite, e ele respondeu — com a leve hesitação de quem improvisa — que a chefe o fizera fazer uma viagem inusitada e voltou tarde — razão de estar um pouco agitado. Ela suspirou, cansada, mas sem suspeitas, dizendo que quando saísse iria diretamente para casa e que ele deveria descansar um pouco para estar em condições para a grande noite. Trocaram poucas palavras mais — ternas, rápidas — e ela desligou, prometendo chegar a tempo de se arrumarem para o baile. (137)

Quando o relógio já havia ultrapassado o peso solar do meio-dia — por poucos minutos. (138)

O ritmo das batidas na porta alarmou-a, apressou os passos a abri-la, com uma certa apreensão. (139)

- Senhor Gustavo Almeida se... (140)

- Sim, é aqui! “interrompeu bruscamente o homem que aparentava meia idade, antes que terminasse a frase, reconheceu o seu uniforme” (141)

- A senhora pode receber... (142)

- Sim! Sou a filha dele! “A impaciência da juventude falando mais rápido.” (143)

- Aqui está, uma encomenda para ele. (144)

- Muito obrigada. (145)

- De nada senhorita. (146)

- Eu hem! Essa juventude de hoje. “Falou já a uma certa distância” (147)

Fechou a porta, colocou o pacote em cima da mesa, ainda lacrado, e recolocou os fones de ouvido e o mundo inteiro se ensurdeceu perante a música. (148)

Em uma sincronia quase que ensaiada a mãe entrou, logo em seguida, sem alarde a tocar em seus ombros. (149)

- Não vi a senhora entrando, me deu um baita susto! (150)

- Vive com esse troço enfiado nos ouvidos, queria o que? (151)

A menina calou-se transfigurando o rosto com um aspecto de quem demonstrava claramente uma sensação de incompreensão e desprezo. (152)

- Onde está o seu pai? (153)

- Está lá em cima dormindo. (154)

- Desde aquela hora que ligou para mim, já está quase na hora de irmos ao baile. (155)

- Não sei, se antes ou depois, o que sei é que ele saiu e chegou algum tempo depois. (156)

- Saiu! Foi para onde? (157)

- Não me disse só avisou que estava de saída, e quando chegou subiu logo as escadas e voltou a dormir. (158)

Subiu as escadas devagar, degraus que pareciam flutuantes entre o ruído distante da casa e o silêncio que sempre encontrava naquele quarto. Ao chegar à porta entreaberta, deteve-se por um instante, observando-o deitado — imóvel, sereno demais para quem apenas dormia. A luz filtrada pela fresta das cortinas desenhava nele um contorno quase sagrado, como se o tempo o preservasse ali, intacto. Aproximou-se em passos curtos, respirando a presença dele como quem reencontra um porto antigo. Inclinou-se e encostou os lábios em sua face — um beijo leve, quase um sopro — e no mesmo segundo um estremecimento suave percorreu seu

corpo, como se a ternura daquele gesto tivesse atravessado a muralha do sono e alcançado algum ponto interno onde ele ainda a sentia, mesmo longe de qualquer espartilho. (159)

O sacudiu com uma certa inquietude. Ele abriu os olhos e sorriu para aquele rosto que tanto admirava. (160)

- O que aconteceu? (161)

- Estamos quase na hora de ir, o baile, esqueceu!? (162)

- Você andou bebendo? (163)

- Só foram duas doses, nada em exagero. (164)

- Claro! (165)

- Não fique brava comigo, me compreenda, o que posso te dizer? (166)

- Sei não, tem certas pessoas que não tem noção do risco mesmo, dirigindo e ainda bebe. (167)

O casal se preparava para o baile com a tranquila solenidade de quem ensaia um ritual antigo: ela ajustando os cabelos diante da penteadeira, ele passando a gravata com aquela leve hesitação de quem tenta dar ao momento um toque de perfeição. O quarto exalava o perfume morno do ferro quente passado na roupa, e a casa parecia em um silêncio de expectativa. Vestiu o paletó, respirou fundo e deslizou a porta do guarda-roupa para fechá-lo; o espelho, ao correr sobre os trilhos, devolveu-lhe a própria imagem — e então o mundo falhou. Por menos de um segundo, um rasgo na realidade: atrás dele, refletida com precisão cruel, sua mulher surgia com o mesmo vestido do baile, mas ensanguentada da nuca aos tornozelos, os fios do tecido grudados na pele como se tivessem sido arrancados de um pesadelo. O reflexo pulsou, trêmulo, vivo demais. Ele arregalou os olhos, o ar se partiu no peito — e tudo sumiu. No lugar dela, apenas o reflexo comum: a mulher sorrindo, intacta, ajeitando a própria pulseira, perguntando com naturalidade se a gravata estava alinhada. Ele piscou duas vezes, tentando recuperar o eixo, e respondeu como pôde, guardando para si o susto súbito, a impressão de que alguma coisa o havia encarado do outro lado do vidro. (168)

Ela percebendo uma leve palidez em seu rosto, indagou: (169)

- Está tudo bem? (170)

Calado ficou; calado permaneceu. (171)

- Estou puta com você! (172)

- O que foi? (173)

- Chega! Eu só não aguento mais guardar isso dentro de mim! (174)

- Aguardar o quê?! (175)

- Aquilo que você anda fazendo pelas minhas costas! (176)

- Isso é absurdo. Você sabe que eu nunca faria— (177)

- Engraçado — nessa convicção toda só eu é que não caio! Eu sempre soube. Sempre. Só calei porque tinha coisa maior para acontecer hoje, e não ia deixar tudo ruir por causa da sua — coragem emprestada! (178)

- Você está distorcendo tudo! Está ouvindo o que quer ouvir! (179)

- Estou é cansada! De você achar que mente tão bem assim! (180)

- Sabe que desde o primeiro momento que te vi, o meu sentimento por ti é firme como a rocha. (181)

Hesitou em retrucar, apenas recompôs a postura e deixou as palavras ao pensamento: “Canalha, estava em outros braços a se deleitar; são todos iguais, deve falar a mesma coisa para a outra.” (182)

- Te viram, quer dizer, viram o seu carro saindo do motel e me contaram, logo o motel vizinho ao hospital que trabalho, em pleno domingo, onde você estava com a cabeça? (183)

- Aqui, ligue para minha chefe, ela que me ligou para ir buscar ela no motel, e sim também achei estranho, em pleno domingo. (184)

- Que fetiche canalha é esse, não tem isso em casa? (185)

- Não tenho culpa! (186)

- Você já está inventando outra história, me lembro de você me dizendo que chegou agitado em razão de uma viagem. (187)

- Sim! E não estava mentindo, realmente fiz uma viagem, só não sabia para onde estava a ir, recebi as coordenadas no celular, nem reparei, quando vi era dentro do motel, como iria te explicar isso, com sua correria? (188)

- Não entrasse! (189)

- Já o fiz! (190)

- O que você fez? (191)

- Se não fosse seria demitido na hora, me acovardei por instantes, mas não importa, pedi demissão. (192)

O ranger quase inaudível da porta veio acompanhado por uma exclamação inquietante— (193)

- Estão a brigar?! “Interrompeu a voz da filha impaciente” (194)

- Claro que não minha filha, só foi uma leve exaltação entre nós dois. (195)

Com a intuição de cortar a tensão que parecia tomar forma: (196)

- Tem um pacote em cima da mesa, que entregaram ontem para o senhor meu pai. (197)

- Sim, obrigado por me lembrar minha filha. (198)

- Certo papai, só gostaria de te dizer mais uma coisa, que mesmo quando sou um pouco arisca, eu nunca deixei de te amar, e sempre te amarei. “Falou com tanta emoção que ele se sentiu tocado e protegido por uma delicadeza angelical.” (199)

- Ho! Meu amor, eu também. (200)

Logo após dizer aquelas palavras, lançou-se aos braços do pai, como quem reencontra uma presença há muito aguardada; depois, avançou em direção à mãe, movida pelo mesmo impulso de amparo que parecia atravessar toda a casa. (201)

Retomaram a conversa com ânimos menos exaltados: (202)

- Vamos deixar o passado no seu lugar — atrás de nós, por favor. Sei que tens motivos para desconfiar; estás cansada, mas só imploro um instante de atenção. (203)

Consentiu; não tinha forças para argumentar. Sentia-se prestes a desmoronar, tomada pela impotência perante os acontecimentos. (204)

- É o baile dos formandos em medicina, sabe que não posso perder. (205)

- Certo, conversaremos quando estiver mais calma. (206)

O casal entrou no carro e saiu do estacionamento sem qualquer urgência, motores e faróis deslizando como se o mundo estivesse um pouco fora do foco; ele, ao volante, deixava escapar um sorriso distante, desses que parecem vir de algum lugar onde a memória tropeça, quando — sobressalto abrupto — o carro freou ao desviar de algo que cruzou a frente, fazendo o silêncio se partir por um instante. Recuperou o fôlego, e voltou ao tom arrastado — quase inerte pelo torpor que a excitação lhe deixara na voz — dizendo que aquela cidade sempre lhe lembrava a sua própria, escorregando em palavras desconexas com aquele momento: “és mais amada do que a minha própria mulher”. Ela virou o rosto apenas o suficiente para acompanhá-lo com os olhos, desconcertada pela falta de sentido, murmurando que era melhor ele prestar atenção na estrada; ele respondeu — ainda no mesmo deslizamento lento das palavras — que aquilo devia ter sido apenas o susto da freada, “coisas que aparecem sem pedir licença”, continuou, enquanto o carro seguia adiante, entre estradas, pensamentos e tudo o que ainda não havia sido dito — como se rodasse por um intervalo do tempo. (207)

- Que história é essa de "mais amada que a minha mulher"? Já não sou tua mulher? (208)

- Claro que é! Quis dizer que és muito amada; deve ter sido a memória a me pregar uma peça depois do ocorrido. (209)

- Sim! Sei — só duas doses, essa é a explicação. “Falou ironicamente” (210)

- Meu amor, estamos quase chegando; não vamos quebrar o clima — estás maravilhosamente bela. (211)

O carro deslizou até o estacionamento iluminado, e, quando as portas se abriram, houve um breve instante — quase imperceptível — em que a atmosfera pareceu mudar de textura, como se um véu tivesse sido retirado do mundo. Ao sair, caminharam lado a lado, dedos entrelaçados, com aquela espécie de harmonia que só existe quando duas realidades se tocam sem perceber³. As luzes do salão refletiam-se no asfalto, tingindo de dourado os rostos que se aproximavam; e, ao atravessarem a entrada, havia a sensação — doce para um, vertiginosa para o outro — de que já haviam cruzado por ali antes, embora não houvesse lembrança alguma que justificasse tamanha familiaridade. (212)

- Pronto, estamos aqui. “Disse com um discreto sorriso” (213)

No salão dourado, onde lustres derramavam luz em cascatas e os cristais pareciam respirar junto ao ritmo da orquestra, eles deslizaram pela pista como quem já dançava um no outro muito antes de aprenderem passos. O vestido dela — tecido fluido, quase líquido — acompanhava cada giro, acendendo pequenas auroras nas bordas, enquanto o terno dele moldava a postura segura de quem se reconhece no olhar da mulher amada. O perfume de jasmim misturava-se ao som dos violinos, e quando a melodia inaugural tocou — aquela que ela sempre chamara de a música deles — o sorriso dela abriu-se com a suavidade de um amanhecer lento, desses que ninguém ousa interromper. Os convidados observavam, mas nada interferia: havia entre ambos um mundo próprio, silencioso, perfeito, onde passos deixavam de ser passos e viravam promessa; onde o toque valia mais que qualquer palavra; onde bailar juntos era uma forma de rezar. E enquanto giravam sob o teto estrelado do salão, a felicidade se fixava neles como luz na pele — uma certeza simples, antiga, de que estariam lado a lado enquanto o tempo permitisse. (214)

E entre os laços da dança Möbius do destino, o vento sussurrou como palavras não ditas pelo corpo, mas usadas por ele. (215)

- Que mulher espetacular és... tão linda, tão sensual ao me oferecer uma das noites mais maravilhosas da minha vida. A tua companhia é como o toque de anjos proibidos, e te desejo eternamente. Nesta noite brilhaste como um anjo a bailar. Entendo tua firmeza e teus toques delicados, mas — hoje, amanhã ou em qualquer tempo — serei o teu guia, a te conduzir ao teu destino. Como sempre o serei, meu amor. (216)

Falou pela noite, pelo dia, pelo que ainda iria por vir e pelo que já foi. (217)

A música terminou como quem recolhe lentamente um véu, e o salão pareceu afrouxar os ombros depois de tantas emoções dançadas. As luzes mudaram de intensidade, revelando rostos cansados, sorrisos tardios, brilhos de champanhe em taças esquecidas. Aos poucos, as conversas recomeçaram em pequenos círculos, uma troca de elogios aqui, um abraço apressado ali, enquanto os garçons circulavam entre mesas ainda cheias, recolhendo restos de festa que

pareciam querer durar mais do que deviam. Os formandos, um a um, desfaziam-se das poses cerimoniais, encaixando o diploma debaixo do braço como quem guarda uma promessa nova. A decoração perdia o esplendor inicial, e o salão iniciava aquele desmonte silencioso que só acontece quando a celebração já cumpriu seu papel. Entre todos, eles foram dos primeiros a se erguer, deslizando para fora do ambiente ainda aquecido pelos últimos acordes, abandonando a mistura abafada de perfume, brilho e despedidas — como se a noite, para eles, pedisse outro tipo de continuidade. (218)

- Meu amor, tenho uma surpresa para você. (219)

- Que surpresa? (220)

- Há algum tempo está na mesa da nossa casa, sei que estes tempos não foram fáceis para você e que está ferida e abalada emocionalmente que nem reparaste? “Falou balançando a cabeça em gesto de negação”. (221)

- Ansioso a chegar em nosso destino, espero que baile sobre mim igualzinho como já bailaste. (222)

- Infelizmente tenho que te negar, esta noite não! (223)

- Foi fazer o que lá? (224)

- Vou repetir só a fui buscar no local em que te disse, por favor, acredite em mim. (225)

- Não é justo, não consigo ignorar isso. (226)

- O que não é justo é eu ser responsável por causa de irresponsabilidade alheia! (227)

- Ainda irritada comigo? (228)

- O que acha?! (229)

Saíram do salão ainda envoltos pela música que insistia em flutuar nos corpos, passos lentos para vencer a luz dourada que vazava pela porta principal; ele, sorriso solto demais, movia-se com aquele brilho úmido nos olhos de quem bebeu mais do que admite, e ela, segurando-lhe a mão com firmeza discreta, percebia a leve oscilação do seu caminhar — quase imperceptível para qualquer outro, mas evidente para quem conhece o peso e o ritmo do amado — e embora o riso deles ecoasse pelo estacionamento, havia na postura dela uma tensão crescente, um olhar rápido para a chave entre os dedos dele, outro para o carro que aguardava na penumbra, e depois para o céu, como quem mede em silêncio a distância entre a alegria daquela noite e o risco imprevisível que pode caber em um único passo a mais. (230)

- Vamos doutora, apresse os passos! Sou o seu motorista particular. “Falou ironicamente” (231)

- Deixe de gracinha, me passa a chave do carro. (232)

- Pra... quê?... isso? Eu estou... bem. Quer que eu faça... um quatro com as pernas? (233)

- Não estou brincando, você nem consegue formar uma frase inteira! (234)
- Olha pra mim! Eu não seria capaz de te colocar em nenhuma situação de embaraço ou risco como está insinuando! (235)
- Insinuando!? Eu estou dizendo! Me dá essa chave! Eu dirijo! (236)
- Não confia mais em mim nem para dirigir? (237)
- Ultimamente tudo que faço parece te desagradar, não sei o que posso mais fazer, te peço a chave do carro e você... (238)
- De forma alguma, já te disse, ou você vai de condução ou eu te levo. “Cortou-a de forma bruta” (239)
- Hoje é domingo a condução demora a passar! (240)
- Não grite comigo, não é problema meu, quer ver desastre em tudo; então, que assim seja. (241)
- Exijo o seu respeito, isso é modo de falar, está repreendido! (242)
- Eu estou embriagado e você não é habilitada, e aí?! (243)
- Gostaria de saber até quando vai essas suas gracinhas. (244)
- Venha, vamos seguir esta estrada e sente-se ao meu lado. (245)
- Não vou permitir, mas desrespeito, que seja o último! “Repreendeu com um tom forte e impiedoso” (246)
- Abriu a porta e assumiu o assento do passageiro, como quem entra apenas porque não há outro caminho. (247)
- Arrumarei uma poltrona melhor, esta não parece muito confortável para a Doutora. (248)
- O carro já estava na autoestrada, quando a velha conversa tentou retornar através da boca dela: (249)
- Nunca foste tão covarde assim, no motel perto do meu trabalho? (250)
- Pare! Não vamos discutir mais esse assunto, pelo menos agora. (251)

Ele abaixou a cabeça por um breve instante, tentando alcançar, na escuridão que dominava o ambiente, o botão de sintonia do rádio. Mesmo meio tonto pelo efeito do álcool, conseguiu ligá-lo; a música que começou a tocar abafou o som do motor e o silêncio carregado dos que permaneciam ali. Soava como uma coincidência inexplicável, indesejável e, ainda assim, propícia — e, por um breve instante, tudo se tornou calmaria, nostalgia a acariciar os corações. (252)

... Now I feel as if I'm floating away
I can't feel all the pressure

And I like it this way
But my body's callin'
My body's callin'
Won't ya come back to this
World again... (253)

- Você escutava muito esta música. (254)

- Meu Deus! Senhor Jesus! (255)

- Cuidado com o carr... (256)

De súbito, o som foi tragado pelo estalo violento dos pneus — dois carros emparelhados, um rasgando a ultrapassagem enquanto ambos freavam ao mesmo tempo, produzindo um bramido que se espalhou por quilômetros, áspero como garras afiadas riscando o asfalto e dilacerando a quietude da noite. (257)

- Segura o volante firme! Cuidado! (258)

O carro perdeu o controle, deslizou de lado, e o mundo entrou em câmera lenta — os faróis se alongaram como lâminas líquidas, o capô subiu num soluço metálico, o para-brisa se abriu em centenas de estilhaços que flutuaram no ar como gelo suspenso, cada fragmento capturando a luz amarelada dos postes da rodovia, gentil e mortal, sobre o asfalto. O som do impacto não veio de imediato; primeiro houve um silêncio espesso, depois um estrondo abafado que parecia vir debaixo da terra. Um dos motoristas freou instintivamente sem ser afetado pelo impacto, sentindo o cinto aperta-lhe o peito, e, quando olhou para o outro carro que fora arremessado a mais ou menos uns 1km de distância, viu a massa retorcida do veículo esmagado contra a defesa — fumaça cinza subindo, portas imprensadas, metal dobrado como papel — e, no meio da destruição, uma figura rastejando para fora, lenta, teimosa, arrastando-se com a força de quem se recusa a morrer. (259)

O veículo que permanecera ileso ficou imobilizado por breves minutos, até que novos faróis surgiram no horizonte. Foi então que arrancou com ímpeto — pneus queimando no asfalto, espalhando estilhaços ao vento — numa fuga súbita, quase instintiva, impossível de decifrar. (260)

Minutos indefinidos desfiaram-se entre um ato e outro. (261)

Olhos que permaneciam atentos em prontidão com o mundo, captaram pelo canto da visão o desenho de dois faróis aproximando-se do local — primeiro um rasgo de luz, depois a forma inteira do veículo que deslizou até parar próximo. Houve um breve ajuste de postura, quase instintivo, daquele que observava: gesto de quem percebeu, por instinto, aquele momento, seja socorro, seja risco, seja apenas o destino movendo-se alguns centímetros para a frente. O tempo pareceu parar antes de continuar seu curso natural. (262)

A chave girou e o silêncio pesado do motor se desfez de imediato, como se o mundo lá fora invadissem o instante sem pedir licença. Sons misturados — passos, vozes, ruídos dispersos de um lugar que nunca dorme — atravessavam o ambiente com a pressa própria de quem testemunha algo urgente. Os pensamentos ainda indecisos pousavam sobre o para-brisa, distorcendo o contorno das coisas como se tudo estivesse um pouco fora de foco. No interior, dois corpos permaneceram imóveis por um instante que parecia resistir a terminar; havia naquela chegada um desalento difícil de nomear, um peso que nenhum dos dois desejava enfrentar. Então a mão que buscou a maçaneta não hesitou: abriu a porta com certa precipitação, um gesto rápido demais para ser casual — seja de quem teme ser visto, seja de quem receia ser retido. A abertura expôs um instante breve, mas marcante, desses que o tempo preserva mesmo quando a memória tenta expurgar. Depois disso, tudo seguiu adiante, como se não houvesse escolha senão continuar. (263)

Antes mesmo de cruzar a porta, um anúncio luminoso se impôs como destino: “urgência e emergência”. (264)

- Está toda ensanguentada... (265)

- Se acalme! (266)

- Temos que socorrer, vamos! (267)

- Tenha certeza de que vão prestar o socorro adequado. Pode ficar sem preocupações.

Vamos! Rápido — precisamos agir com urgência! (268)

- Levem para a estabilização... (269)

-Haaa! O que aconteceu... está doendo... meu braço... (270)

- Tente se manter acordada, está com um trauma na cabeça... (271)

- Deus do céu, que horror, e tem gente que reclama da vida. (272)

- Fique em paz, já estão a socorrer. (273)

Percebendo a inquietação da sua feição e a aproximação de uma policial a atravessar o pátio indo em sua direção, retornou logo para o assento do motorista, tarde demais para a fuga da presença indesejada, leves pancadas no vidro ecoam pelo carro, era a policial como pedindo com aquele ato que ele abaixasse o vidro. (274)

- Sabe que não pode ficar aqui parado?! “Falou a apontar para uma placa de trânsito” (275)

- Só a trouxe até aqui... não queria causar confusão. Ela estava à beira da pista, então parei. Estou indo, certo?! (276)

O pensamento dele se embaralhou num turbilhão difícil de nomear — fosse pelo peso da ocasião, fosse pelo medo instintivo que certas perguntas despertam em quem não deseja respondê-las. Havia, dentro dele, uma pressa que tentava disfarçar: a urgência de se afastar de

qualquer dúvida, de qualquer interpretação que pudesse recair sobre si, justa ou injusta. Quando percebeu que a policial ainda pretendia prolongar o diálogo, o som ríspido dos pneus rangendo no asfalto ergueu-se como resposta antecipada. Partiu rápido demais, como alguém que teme explicações que não saberia dar, desaparecendo no horizonte antes que qualquer palavra pudesse alcançá-lo. (277)

Frases entrecortadas, captadas como lampejos elétricos que cruzavam sinapses trêmulas — desligando-se e religando-se numa coreografia caótica — de uma vida que insistia, desesperadamente, em permanecer, encobertas sobre o som do hospital vivo a prestar socorros. (278)

- Estanquem os sangramentos... (279)

Ruídos de rodas de macas a moverem-se freneticamente. (280)

- Pressão caindo... (281)

- Pupilas levemente... (282)

- Preciso de luvas, urgente! (283)

Vozes de angústia e desespero a preencher a emergência. (284)

- Mobilizem toda a... (285)

- Olha só, está vindo mais um carro! (286)

- Chamem o maqueiro! (287)

Duas enfermeiras surgiram no local, passos firmes que traziam a urgência estampada no rosto. Elas, tomadas pela adrenalina — mesmo que costumeira — procuravam quem estivesse disponível: avisou que mais um paciente acabara de chegar, em estado crítico, e que precisavam de mãos extras na sala de atendimento imediato. A outra completou, com a respiração ainda acelerada, que a rotina naquele dia parecia ter virado pelo avesso — casos graves surgindo em sequência, sem dar espaço para a equipe recuperar o fôlego. O chamado ecoou pelo ambiente como um sinal incontornável, convocando todos os profissionais próximos a se moverem antes que o próximo minuto pesasse demais. (288)

- Preparem a sala de cirurgia! (289)

- Pelo jeito vai ser mais um daqueles dias, sem pausa pro cigarro! “Falou para a colega de trabalho” (290)

- Olha só quem está a passar diante de nossos olhos, que beleza de doutor, sonho meu, nisso que deveria prestar atenção. (291)

- O sonho é livre, a realidade é essa aqui minha amiga. (292)

- É a vida aqui não é fácil. “Respondeu a colega” (293)

Algun tempo depois, no silêncio atento do ambiente hospitalar. (294)

Então com passos mais urgentes, como quem desperta de um sono profundo, tentou guiá-los firmemente em direção da porta principal, ao adentar na sala principal, um som estranho e em alto volume para os seus ouvidos, reverberava sobre todo o ambiente. O som começava com a batida alta de um coração, por instantes pensou ser o seu próprio a bater, porém, logo sons abstratos ao corpo humano começaram a se unir a esta batida com um toque de máquina cardíaca misturado com vozes aleatórias e respirações ofegantes, foi quando exclamou: (295)

- Que confusão é esta?! “Exclamou a se perguntar” (296)

Antes que pudesse decifrar o caos sonoro que o envolvia, passos apressados ecoaram pelo espaço — vindos de cima, como se alguém tivesse sido despertado de súbito. Uma silhueta surgiu com urgência, atravessando o corredor até envolver-te num abraço firme, quase desesperado. O gesto continha alívio, susto, e uma ternura que não se explicava de imediato; só o aperto falava. O ambiente, antes dominado pelo barulho, suavizou-se ao toque daquela presença que parecia dizer, sem palavra alguma: “Você está aqui. Finalmente.” (297)

- Onde estou... Cadê ele... (298)

- Não aconselho Doutora. (299)

- Por que não!? (300)

- Coma! (301)

- Que coma? Do que estás falando? (302)

- Você teve muita sorte. Poderia ter sido fatal. O impacto foi severo, mas, felizmente, os danos ficaram restritos a hematomas extensos, uma fratura leve no punho — que não compromete a mobilidade — e um corte profundo na região frontal, que causou a maior preocupação inicial. A quantidade de sangue impressiona, eu sei, mas a hemorragia foi superficial, apesar de abundante. Realizamos todos os exames de imagem — inclusive ressonância magnética — e nada indica edema, sangramento interno, nem qualquer alteração neurológica. Você está fora de risco. Pode ficar tranquila. (303)

- Não acredito, não pode ser. (304)

- Sofreram um acidente terrível! (305)

- Tenho que ver o meu marido. (306)

- Sinto muito, mas não há muito o que possamos fazer... (307)

- Meu Deus, o que está acontecendo!? (308)

- Como disse, está em coma! (309)

- Não se preocupe, te conduzirei até ele, é mais que a minha obrigação. (310)

- Tenho que ligar para casa, tenho que falar com minha filha. (311)

- Ela está aqui, já providenciamos a sua vinda. (312)

- Quem está aqui? Onde estou? (313)

- Sua filha! (314)

E sem aviso prévio, com um súbito ataque, desfaleceu nos braços da colega, que a segurou e a conduziu a uma poltrona hospitalar, bem ao lado de uma maca que se encontrava no quarto 742. (315)

Ao despertar, rostos familiares pairavam sobre ela — moldados por preocupação e ternura — sem ainda compreenderem plenamente o que acabavam de testemunhar. (316)

- Mãe! O que aconteceu? Meu Deus! (317)

- E esse braço enfaixado? (318)

- Não foi nada demais, uma leve luxação; só minha cabeça que ainda dói! (319)

- Obviamente pela pancada aparente em sua testa que levou alguns pontos. (320)

- E ainda a senhora diz que não foi nada? (321)

- Estou lúcida e bem acordada. (322)

- É melhor descansar um pouco. (323)

- Vou ver se consigo, fique com seu pai. (324)

- Meu pai está aqui do lado. (325)

- Infelizmente estou vendo-o de uma forma que não gostaria; só o faça companhia. (326)

O som — contínuo, agudo, inesperado — rasgou o ambiente como uma lâmina de luz, estancando o tempo por um fôlego que não se sabia se era de quem ou de quê. No mesmo instante, a mão dela avançou num reflexo primitivo, quase um instinto de vida tentando convocar outra: pousou sobre o peito dele e o golpeou com a urgência de quem recusa o silêncio. Tudo pareceu acontecer em câmera lenta — o peso do braço descendo, a respiração prendendo-se na garganta, o mundo ao redor desfocado como se escorresse pelas bordas. O corpo dele cedeu sob o impacto, não como quem desperta, mas como quem retorna de um lugar onde o tempo não obedece aos relógios — às sete e trinta da manhã. (327)

- Mãe está tudo bem? (328)

- Só foi um susto, apenas um susto, graças a Deus! “Tentou acalmá-la” (329)

Batidas apressadas na porta cortam o silêncio do recinto. A menina escuta e vai verificar quem está a bater, emotivamente cabisbaixa devido ao pai não estar ao seu lado como ela gostaria; estava lá dormindo, mas não desfrutando da vida ao lado dela. (330)

NO INSTANTE EM QUE O LAÇO DO MÖBIUS SE VIROU SOBRE SI (331)

- Alguma urgência? (332)

- Só estou ainda um pouco desnorreada.
(333)

- O que aconteceu? “Perguntou a enfermeira.” (334)
- Estou firme, só tive um mau pressentimento. (335)
- Já estou calma. (336)
- Que pressentimento? “Ficou sem resposta.” (337)
- Que barulho infernal é esse? (338)
- Parece que ninguém me escuta quando eu falo, não está ouvindo o que estou a dizer?! “A resposta ficou a pairar.” (339)
- Será que estou a entrar no inferno?! “Continuou a falar com seus próprios botões.” (340)
- Cadê sua mãe? (341)
- Escutou?! “Falou com uma voz espantada” (342)
- Sim, te escutei claramente. (343)
- Não, não eu — como se tivesse alguém além de nós a falar. (344)
- Tá amarrado! Está escutando vozes agora? (345)
- Deixa, deve ter sido impressão minha, pela situação. (346)
- Pouco adiante, quando o instante seguinte enfim se anunciou... (347)
- A música dos Guns N’ Roses que o senhor tanto gostava, papai. (348)
- Gostaria que me escutasse; precisamos de você. Tem que se reerguer... levante-se, por favor. (349)
- Baixe isso, minha filha! (350)
- Não é possível. “Pensou alto ao desligar o aparelho.” (351)
- Eita! Desse jeito só faltam me colocar em uma jaula, não posso fazer nada! (352)
- Filha, ou está com rock pesado... (353)
- Está vendo como me tratam, todos vocês?! (354)
- Sei que você parece só gostar de baderna! (355)
- Inerte à minha presença, como de costume, nunca sairá deste coma dele! “Falou no calor da música e na indiferença de sempre o sentir distante, mesmo que quando acordado” (356)
- Deus nos livre dessa má hora! (357)
- Vou abaixar... parece inerte às coisas; nem música o toca mais! “falou com um certo desalento em sua voz, como a condenar a presença paterna que ali perto estava e ao mesmo tempo distante” (358)
- Me desculpe ter gritado com você, minha filha; ando com a cabeça a mil, e compreendo o que está a passar. (359)
- Sempre eu tenho que compreender, só queria fugir um pouco desta solidão. (360)

- Eu sei, minha filha, é que estou sem condições para isso agora, por favor. (361)

Quando o instante, ainda quente, foi rasgado por um chamado que não pedia licença.
(362)

- Tens que ir descansar, Doutora; vou te receitar um calmante. Vá para casa e repouse um pouco. (363)

- Mas eu tenho... (364)

- Não estou a falar como sua amiga de profissão, e sim como médica. Sem “mas”: você desmaiou nos meus braços. (365)

- Vou chamar um Uber, não se preocupe. (366)

- Então vá, descanse e se reanime, tudo ficará bem. (367)

- Obrigada, mas não preciso de remédios. (368)

- Me escute: como doutora também, tome os calmantes! (369)

- Compreendo, sei disso. (370)

- É o meu dever como médica ajudá-los. (371)

- Fique aí, minha filha! (372)

- Eu vou, vou me recompor, tomar um banho e esfriar minha cabeça. (373)

- Até breve, minha mãe. “Voz aflita por tamanha confusão” (374)

- Vou para casa. (375)

Um suspiro se fez ouvir — robusto, vigoroso — como se viesse de um prenúncio do além. Fez com que ela arrancasse os fones de ouvido e olhasse com certo temor, como se fosse um toque fantasmagórico, quando virou o rosto para encarar quem a tocava. (376)

- Quer me matar de susto!? (377)

- Desculpe-me pelo susto. (378)

- Credo! Não tinha acabado de sair!? (379)

- Esqueci a minha carteira; pode pegar para mim? Essa aí ao seu lado, por favor. (380)

- Tente falar com ele; ele sempre te escutou. Mesmo neste estado em que está atualmente, é possível que te escute. (381)

- Eu tento criar coragem para falar com ele, mas está muito diferente. (382)

- Como está seu pai? (383)

- Ainda me pergunta? Não me escutou? (384)

- Escutei; por isso fiz essa pergunta: para que reflita. O que vejo é que há vida nele, como em você; só não há solução para a morte — todo o resto pode ser ajeitado. (385)

- Qualquer coisa ligue, por gentileza. (386)

- Agora estou de saída mesmo. Beijo. (387)

- Outro. Vê se dirige com cuidado. Vai com Deus. (388)

- Como já disse, não vou dirigindo; chamarei um Uber ou um táxi. (389)

O carro fazia a curva sinuosa a entrar em terrenos conhecidos da rua de sua morada. O motor arfou lento, fatigado, antes de silenciar diante do portão. O céu parecia indeciso entre a noite e o dia, e o vento frio arrastava o cheiro de terra, de madrugada, de algo interrompido. Por um instante, tudo ficou parado — as janelas cerradas da casa, o quintal ainda coberto pelo orvalho, a porta que conhecia memórias demais. Então, a porta do carro abriu-se devagar, e uma figura saiu, hesitante, com passos que não denunciavam se carregavam culpa, cansaço ou apenas verdade demais para aquele horário. Ficou ali, parada diante da própria sombra, respirando um ar que só existe nos começos que não se deseja. E, como quem deixa escapar uma sentença que se recusa a morrer, murmurou para o dia que nascia: (390)

— Lar amargo lar... (391)

Enquanto isso, na casa do casal: (392)

O celular já empunhado por mãos trêmulas e pensamentos espessos e confusos aguardou apenas um segundo antes de ligar — aquele segundo em que o silêncio parece medir o destino. Do outro lado quando a tela acendeu, a vibração curta percorreu a mesa como um aviso íntimo, quase premonitório. O número exibido não trouxe consolo nem ameaça: apenas um reconhecimento imediato, desses que despertam ao mesmo tempo alívio e vertigem. O toque insistiu, preenchendo o espaço com uma sensação apertada, e ambos os mundos — o de quem chamava e o de quem atendia — pareciam convergir na mesma respiração presa. Ao deslizar o dedo para aceitar a ligação. (393)

- Alô. (394)

- Quem é? (395)

- Escrota! (396)

- Como, com quem pensas que está a falar?! (397)

- Com uma mulher que se abre para qualquer homem. (398)

- O que aconteceu minha querida?! (399)

- Não me venha com acusações sem fundamento, quem pensas que é? (400)

- Vagabundos! (401)

Por que você está me xingando dessa forma? Não preciso ficar ouvindo insultos... (402)

- Mas eu sou corneada, não é mesmo?! “Interrompe a gritar” (403)

- Agora que notei de que número me ligou, me desculpe, distração minha, sei muito bem quem é a Senhora, quer dizer Doutora. (403-2)

- Pensou que era o seu amor!? (404)

- Meu Amor! Meu... o que seja! Senhor Gustavo Almeida, que fique claro para todos, é apenas o meu motorista! (405)

- Particularmente bem particular. (406)

- Deixe de usar dissimulações. (407)

- Esta fruta não me apetecia. (408)

- Não entendi. (409)

- Eu sou casada. (500)

- E desde quando isso é impedimento? (501)

- Realmente para pessoas sem escrúpulos não é mesmo. Mas, antes que venha com mais questionamentos, vou direto ao ponto, sou lésbica, sou casada com uma mulher. (502)

- É... é... perdão não sabia. “Corou imediatamente e se conteve em uma breve pausa” (503)

- Sem problema, estou acostumada. (504)

- Eu estou totalmente abalada fisicamente e emocionalmente. (505)

- Te explico pessoalmente, se quiser. (506)

Encerrou a ligação. (507)

Ao encerrar de imediato a chamada, os pensamentos pareceram assentar-se por alguns minutos — não por alívio completo, tampouco por convicção definida, mas por um sentimento estranho que segue momentos decisivos, quando o corpo insiste em respirar fundo antes de entender o que acabou de fazer. O celular permaneceu em sua mão por alguns instantes a mais, pesado como se guardasse a sombra de uma escolha que ainda não se deixara medir. Havia um quase-alívio, desses que aliviam apenas a superfície do peito, e por baixo dele uma incerteza áspera, vibrando como algo que ainda não encontrou forma. Quando enfim baixou o aparelho, a quietude do ambiente expandiu-se ao redor — não calma, apenas quietude — ficou imóvel, sentindo que alguma linha, tênue e decisiva, tinha sido deslocada dentro do próprio destino. (508)

Percebeu-se, no breve intervalo concedido pelo tempo, o gesto silencioso do perdão — não dito, apenas intuído — e junto dele a esperança, tímida, porém insistente, tocando como quem reencontra passagem entre ruínas. O momento acolheu dúvidas, angústias, o peso do que ainda não tinha nome, e mesmo assim conduziu o corpo adiante, inevitavelmente, rumo ao destino que aguardava com suas próprias sombras e claridades. Era preciso seguir em frente: não por fraqueza, mas pela exigência íntima de revê-lo do que o fez disperso, permitir que o silêncio costurasse o que um dia o rasgou. (509)

- Vou sim, lutei muito para não comparecer ao meu primeiro dia de trabalho, por mais abalada que possa estar. “Falou alto, como quem afirma a si própria que precisava prosseguir.” (510)

Ela cruzou as portas da entrada do hospital com um passo que tentava ser firme, mas que entregava a exaustão que lhe vibrava nos ossos. A recepcionista a percebeu de imediato e, com um tom penoso, informou-a que ela havia iniciado suas atividades oficialmente em um momento atípico do cotidiano no trabalho: durante a noite tinham chegado dois carros, cada qual trazendo uma vítima diferente, e apenas uma delas havia sido declarada morta — a recepcionista, recém-trocada de plantão, não soubera dizer qual; e, logo depois, uma ambulância chegara com mais feridos do mesmo acidente. E naquele exato instante, acrescentou, o paciente do quarto 742 fora levado às pressas para a UTI por uma parada cardíaca; a equipe tentava reanimá-lo ali mesmo, entre portas fechadas e sinais vitais cambaleantes. A notícia caiu sobre ela como um peso súbito: o rosto perdeu cor, os músculos das pernas falharam por um breve segundo, como se o chão tivesse cedido, interrompendo o monólogo. (511)

- Por favor, Senhor... me ajuda a ter forças... (512)

A recepcionista inclinou-se por cima do balcão, perguntando se estava tudo bem, mas a pergunta ficou em sopros no ar — ela já havia rompido a distância entre elas, subindo as escadas em disparo, ignorando o chamado que se ergueu atrás: “Doutora! Doutora, espere!”; e seguiu, sem olhar para trás, guiada por um impulso opressor que a adrenalina a fazia continuar com um vigor inconsciente, para a ala de estabilização. (513)

- Eu hem.! O que está acontecendo com ela? “Perguntou a sua colega de trabalho” (514)

- Coisas de novata, relaxa, amiga... (515)

Na porta da UTI: (516)

- Estou aqui para ajudar a equipe! (517)

- Já temos profissionais suficientes a prestar o máximo de socorro possível e Infelizmente, tenho que negar, noto um pouco de instabilidade emocional na Doutora. (518)

- Eu estou pronta, emocionalmente estável para o meu dever! (519)

- A Senhora sem perceber está a gritar. (520)

- Por que isso logo agora? (521)

- Com meus sinceros conselhos de colegas de profissão e baseado no Código de Ética Médica (CEM), que conheces muito bem, peço que por gentileza me compreenda, posso permitir — e aconselhar — que a Doutora acompanhe pela janela de vidro os procedimentos, tenha certeza de que estão fazendo o máximo possível, tudo dará certo. (522)

- Ficarei aqui. (523)
- Eu te entendo, tudo bem. (524)
- Obrigada, que Deus abençoe as mãos de vocês! (525)
- Sem problemas, Doutora. Entendo perfeitamente. (526)

Pela janela estreita da UTI, ela viu o tempo se contrair em dobras silenciosas, quase como se duas realidades se tocassem sem se reconhecer. Lá dentro, os profissionais moviam-se com precisão quase coreografada: luvas que se chocavam contra o metal, monitores que piscavam como estrelas nervosas, seringas que entravam e saíam de mãos firmes, e a maca no centro — o eixo do caos — onde um corpo lutava para permanecer. Cada compressão torácica fazia o vidro vibrar em ondas mínimas, como se a própria matéria reconhecesse a urgência. A equipe alternava comandos breves, tensos, e o som do desfibrilador ascendia como trovão engolido. Ela encostou a testa no vidro frio, respirando pela metade, como se temesse interferir apenas por existir ali. O seu reflexo no vidro revelava um rosto esvaziado, dividido entre a incredulidade e a dor muda. No instante em que o monitor oscilou para uma linha errática, suas mãos suadas deslizaram pelo vidro, arrancando dele um rastro grave, vibrante — som rouco, meio vibração, meio lamento — como se o próprio material reconhecesse o peso que ela carregava, foi quando as palavras do seu colega de trabalho fizeram sentido em seu interior — e um pensamento atravessou-a como lâmina: o tempo não era mais um acidente... era sentença. A primeira a sair da sala de emergência foi uma médica e percebendo o semblante da amiga de profissão: (527)

- Doutora, está precisando de ajuda, está passando mal? (528)
- Doutora?! “Sem resposta indagou-a com mais firmeza” (529)
- Jesus! A Doutora desmaiou! (530)

Retornando à consciência, assim que abriu os olhos, encontrou ao seu lado uma médica que, já no exercício pleno do ofício — e não apenas como colega — passou a orientá-la com firmeza e cuidado. (531)

- Não... isso não está acontecendo. (532)

- Sinto muito Doutora o que acabaste de presenciar, entende bem o que estou tentando dizer, mesmo com a nossa rotina, não conseguimos nos desapegar do pesar, nem sempre conseguimos, e a parte mais triste é falar... para alguém da família. Meus pêsames. (533)

- Deus... por quê? (534)

- Insisto que tome os calmantes que te prescrevi, sei que agora pode estar se sentindo forte, mas, depois é que percebemos o impacto. (535)

- Filha! (536)

A palavra escapou antes que ela pudesse contê-la, frágil e quebrada: “Mãe...” Nenhuma outra veio. O resto desabou em prantos súbitos, úmidos, desordenados, como se todo o temor acumulado tivesse finalmente encontrado uma fresta para transbordar. (537)

- Calma minha filha, venha aqui, me dê um abraço, estou forte o suficiente para poder aquecer-me com o seu carinho, não fique assim. (538)

- Certo, mamãe! (539)

A filha assentiu com dificuldade, a voz desorganizada pelos soluços. As lágrimas ainda lhe quebravam o fôlego, tornando cada palavra um esforço. Mesmo assim, aproximou-se da mãe, guiada por um impulso instintivo de amparo. (540)

- Melhor eu ir. (541)

Não demoraram, pegaram os seus pertences e deixaram o quarto vazio, onde imaginaram sempre permanecer, mas, com a repulsa de saber que logo ali estariam outros corpos a se deitar, em busca da cura, para o abraço real e sem pudor de um amor, que buscavam o momento de poder sentir novamente o pulsar daquela vida que tiveram que deixar entre as quatro paredes. (542)

O caminho parecia longo, como uma estrada sem fim, mais do que o habitual, até que, por fim, chegaram em sua residência. Duas almas mudas, vestidas com corpos e nada mais, entraram em casa com passos que pareciam não pertencer ao próprio corpo, como se a porta tivesse cedido para dentro de um silêncio demasiadamente grande. O ar ali dentro estava parado, pesado, impregnado de algo que não se nomeia na primeira noite — choque, exaustão, incredulidade. As luzes pareciam mais brancas do que deveriam, os móveis mais imóveis, como se tudo observasse sem oferecer abrigo. Uma dessas auras pesadas deixou cair o casaco sobre a primeira cadeira que encontrou; a outra permaneceu de pé, imóvel, tentando sustentar a respiração. Havia aquele tremor discreto que nasce quando o mundo insiste em continuar apesar do resto ter parado. Nada foi dito de imediato. Os olhos, marejados ou vazios, buscavam um ponto qualquer para se fixar — uma parede, um canto, a própria ausência. A casa, que tantas vezes acolhera rotinas, agora recebia um peso inominável: o retorno depois de algo que não se desfaz ao entrar pela porta. Deixaram-se ficar sob aquele teto que, por mais familiar que fosse, parecia incapaz de conter tudo o que ainda vibrava dentro dos seus íntimos. Não trocaram uma única palavra. Não buscaram banho, consolo ou explicação; apenas subiram as escadas como quem carrega um excesso silencioso — cada degrau pesando mais que o anterior. Lá em cima, perceberam que nenhuma outra presença viva permanecia acordada; a casa inteira repousava num estado blindado pela dor. Tiraram a roupa com movimentos lentos, quase automáticos, e deixaram-se cair sobre o descanso possível — uma sucessão de pensamentos inquietantes —

que mordiam por dentro sem permitir nome. Dormiram como quem se rende — não por escolha, mas porque a mente, saturada, já não suportava mais um alerta involuntário. (543)

— Lar doce lar... “Falou involuntariamente, na fuga do impacto da realidade externa” (544)

Dia do enterro —repetido nos rodapés das manchetes, presságio dobrado no tempo, tragédia imposta — vida necessária — na estreita faixa luminosa do Möbius. (545)

Desceram os degraus devagar, lado a lado, como quem ainda tenta recuperar o próprio eixo depois de uma noite que deixou marcas. A mãe apoiou a mão no corrimão, o gesto firme, mas não seguro; havia algo quebrado nela — invisível ao olho distraído, evidente ao olhar da filha. A jovem acompanhava o passo materno com uma atenção contida, quase protetora, disfarçando o próprio cansaço atrás de uma postura ereta demais para alguém tão exausta. O silêncio entre ambas não era hostil, mas denso — cheio de pensamentos que nenhuma das duas ousava tocar. A luz que vinha de algum ponto adiante desenhava as sombras longas de seus corpos, e por um instante a mãe hesitou, como se o chão ainda estivesse instável. Um suspiro escapou dela — seco, contido — e a filha, sem dizer palavra, apenas ajustou o ritmo para caminhar junto. Era evidente que precisavam daquela breve pausa, ainda que sem fala, ainda que sem conforto. Quando alcançaram o térreo, continuaram em direções ligeiramente diferentes, cada uma carregando uma inquietação própria, mas dividindo a cumplicidade da sensação. (546)

“E com exclusividade do cemitério local da nossa pequena cidade, estamos aqui a transmitir ao vivo o enterro do trágico acidente ocorrido perto do local onde ontem foi realizado o baile de formatura dos recém-formados em medicina, notamos um grande pesar nos aqui presentes que estão acabando de chegar, um caso que abalou profundamente nossa cidade, o enterro está sendo realizado no final desta tarde o céu se encontra com nuvens densas, sob um céu encoberto que nunca desabou, embora para os que estão aqui presentes parecesse à beira disso. A cerimônia seguirá sem interrupções deixaremos que a cena revele o peso das imagens que já falam por si próprias.” A câmera revela que poucas pessoas compareceram, mantendo distância respeitosa ao redor do local do repouso eterno. O responsável religioso ergueu a voz, firme e compassada, iniciando: “O senhor é o nosso pastor e nada nos faltará, mesmo que andemos sobre o vale da sombra da morte... (547)

De repente, como se o clima tivesse sido convocado por uma força invisível, um vento forte — inesperado, deslocado, quase indevido naquela região. As roupas dos expostos a ele estremeceram como criaturas vivas, e por um instante o mundo pareceu prender a respiração. O sussurro do vento carregava algo que não era pedido nem compreendido: uma vibração tênue que fez as copas das árvores tremerem, os corpos arrepiarem-se, e os olhos dos presentes se

erguerem como se pressentissem uma chegada. Não foi brisa, não foi corrente de ar — foi daquelas pequenas fraturas na realidade que avisam sem linguagem, que assinalam sem explicar. Um chamado. Um anúncio. Uma mão invisível tocando a nuca dos vivos, murmurando que certas presenças atravessam o tempo antes que a notícia exista, antes que o oculto se revele, antes que a dor encontre nome. (548)

O mundo abruptamente se calou e os presentes no momento ficaram inertes por alguns segundos. (549)

... nossas cabeças com óleo e os nossos cálices transbordam, bondade e misericórdia certamente nos seguiram e habitaremos na casa do Senhor para todo o Sempre, “amém” que fora pronunciado como um couro de vozes dos que ali estavam a testemunhar. E então foi encerrado a cerimônia: do pó viemos ao pó retornaremos, Deus console as famílias. Começaram os lamentos em prantos cortados por soluços e palavras balbuciadas inaudíveis quando começava a descida ao fundo dos sete palmos lentamente, marcada pelo som oco da terra tocando a superfície das profundezas do sepulcro. Alguns dos presentes inclinaram a cabeça num gesto quase involuntário, como se fossem atingidos por uma compreensão tardia — algo entre respeito e vertigem. Ao final, ninguém se apressou a partir; apenas recuaram alguns passos, dispersando-se com passos hesitantes, levando consigo um silêncio denso, desses que ficam na pele muito depois que o ritual termina. A equipe de reportagem entra em ação. (550)

Vamos tentar entrevistar algum familiar que está se afastando do local e se aproximando da nossa localização, - O senhor tem algo a nos dizer? - Sem comentários respeitem a dor dos aqui presentes. – Senhora! A Senhora poderia... uma mão surgiu encobrindo por completo a lente da câmera... (551)

- Bando de babacas, as pessoas querem ver as notícias! “Falou Indignada a desligar o aparelho” (552)

- Aqui tudo vira entrevista, a notícia se espalha mais rápido que o vento. (553)

- Não é o que quero. (554)

- Sei disso, e noto sua fragilidade neste momento. (555)

- Vou pegar o atestado, no hospital! (556)

- Não insista, por favor, irei trabalhar. (557)

- Compreendo Doutora. Mas sabe que pode providenciar um atestado. (558)

- Vamos deixar para conversar depois. (559)

- Temos é que sair logo daqui! (560)

- Calma... toma a chave; você, visualmente, está em melhores condições de dirigir.

(561)

Nem precisou estender o braço por completo, praticamente arrancando as chaves de suas mãos. (562)

- Ainda bem que está aqui conosco. (563)

E assim, com este consentimento, seguiram pela estrada de volta ao lar. (564)

Quando a vida — ou algo semelhante a ela — voltou a se impor... (565)

Passou pela mesa onde o pacote permanecia desde sua entrega e o pegou; dirigiu-se até o quintal para se sentar perto do jardim, que rodeava a casa com um muro de flores e plantas ornamentais — local propício que pesaria eternizar, ou enterrar de uma vez, aquele momento do amor: único, final ou início? Surgiu-lhe esse pensamento durante o percurso pretendido. (566)

Abriu o pacote como se tocasse um relicário feito de pequenas cintilações, e à medida que o papel se afastava, o brilho contido escapou por entre os dedos como se tivesse aguardado toda a vida por aquele mínimo rasgo de luz. O estojo repousou na palma com o peso específico das coisas que mudam destinos; quando a tampa cedeu, o ar pareceu prender-se ao redor, e dois anéis — gêmeos na forma, distintos no reflexo — surgiram sob o veludo escuro, irradiando um dourado sereno, caloroso, capaz de atravessar até o olhar mais ferido. O metal capturou a claridade da tarde e devolveu um fulgor tão suave que o rosto dela se iluminou sem esforço, como se o brilho lhe reconhecesse antes mesmo de seus olhos compreendê-lo. Havia ali promessa, despedida, retorno; havia tudo o que duas vidas podem carregar quando finalmente se encontram. (567)

- Me recordo, hoje, que sempre desejei um anel de casamento, e o que sempre escutava era: ‘as alianças do nosso amor são os nossos corações’. Achava isso uma tentativa de ironizar o romântico e sempre sorria. (568)

Os anéis repousavam na palma da mão, brilhando com uma simplicidade que parecia mais antiga do que eles próprios — um ouro tímido, mas firme, feito para atravessar dias bons e dias devastados. Ela os contemplou em silêncio, o olhar descendo como quem teme tocar um espelho frágil. Então, com um movimento contido, quase hesitante, tomou o seu e o deslizou pela aliança do dedo, gesto curto que carregava o peso de anos inteiros. A cabeça permaneceu baixa, e as primeiras lágrimas romperam sem alarde, percorrendo o rosto como linhas de luz sobre pedra molhada. Nada foi dito — mas o perdão, ainda que irregular e tremido, se insinuou ali, no espaço entre tempos, suave o bastante para não ser exigido, forte o bastante para tocar até a alma invisível que habitasse aquele jardim. O resto do dia dissolveu-se num sossego raro, uma paz pequena, porém inteira, como se por algumas horas tudo tivesse voltado aos trilhos. (569)

E então o tempo, em seu capricho, abriu uma fenda bem ali, partindo o momento em dois... (570)

- Eu te perdoo. (571)

Ne Me Quitte Pas

Il faut oublier, tout peut s'oublier

Qui s'enfuit déjà

Oublier le temps des malentendus et

Le temps perdu

À savoir comment

Oublier ces heures qui tuaient parfois

À coups de pourquoi...

Maysa - Ne Me Quitte Pas (572)

- Do que não sou culpado? “Não

obteve resposta, como se não fosse

escutado e não insistiu, pois sabia que algo

estava deslocado em seu interior.” (573)

- Eu que te peço perdão.

“Continuou sem resposta, mas confortado

pelas palavras dela” (574)

Por um segundo, ainda permaneceu com a cabeça baixa, como a agarrar cada palavra em um abraço desejado, só deu tempo para pronunciar uma única frase: (575)

- Nossa música, que coincidên... (576)

Por um breve instante, algo se insinuou — não como som, mas como toque invisível. (577)

Uma angústia curta atravessou o peito, fina e precisa, feito o eco perdido de um pensamento alheio que encontra pouso no corpo de quem não deveria ouvi-lo. Foi um impacto silencioso, desses que não deixam marca, mas deslocam alguma coisa por dentro, obrigando a alma a virar o rosto para uma direção que não sabe nomear. (578)

- Sim! Tudo bem, tudo em paz, meu amor! (579)

O novo nasce / O velho contempla. (580)

FIM

Bruno Salgado – 12/12/2025